

Capítulo 1.

Afrânio tomou o café de um gole só. Primeiro, porque estava frio, e depois, porque estava em cima da hora. Gostava daquela correria de todos os dias, era motorista do carro do malote daquele grande Banco, carregava todo o movimento do dia, entre cheques, depósitos, correspondências, nem tinha idéia mesmo do que mais transportava. Afrânio e Didi, uma dupla que todas as tardes cumpria aquela rotina. Tudo pronto, mas o companheiro ainda não chegara. Onde andaria Didi naquele momento? Gostava daquele crioulo e de suas histórias que ajudavam a tornar amena a viagem sempre às pressas, O chefe chegou, “olha, Afrânio, más notícias, o Didi caiu de cama, e não temos tempo de mandar mais alguém com você, isso não é muito certo, mas, estamos em cima da hora, paciência, já telefonei pra Matriz e expliquei a situação, você pode ir sozinho?”. Afrânio não ia causar problemas, topou logo a missão, e disse que por ele, tudo bem, ia sozinho mesmo. O pesado malote foi jogado na mala do carro, um Passat azul já meio fora de moda, mas possante e valente, que Afrânio dirigia com a intimidade de motorista experiente. Dirigia desde os quinze anos, num Chevrolet velho do avô, fazendeiro bem do interior, que tinha pelo neto uma admiração que Afrânio nunca soube explicar, quando morreu ele servia o Tiro-de-Guerra, e chorou na fila formada quando o Sargento lhe deu a notícia, nunca amara tanto alguém de sua família como ao seu avô, e deu ao seu primeiro filho o mesmo nome dele, Argemiro, para desespero de sua mulher que detestava o nome.

Afrânio ligou o carro, pegou na primeira, e ele saiu da garagem do Banco, para iniciar mais uma viagem até o Rio de Janeiro, desta vez, sozinho, prometendo que mal retornasse, iria visitar o velho companheiro Didi, acamado. “Onde já se viu, mania de rico esse Didi, ficar acamado? E pobre lá tem direito a essas regalias?”. O carro deslizou pelas ruas da cidade, ganhou o asfalto, e foi soberano vencendo as serras e as curvas.

Quase no pé da serra viu alguém lhe pedindo carona na beira da estrada. Carona, no caso, era rigorosamente proibida, e se fosse um assaltante? Descoberto, isso lhe custaria o emprego. Afrânio, só no volante, diminuiu a velocidade, que é que tinha, afinal, uma carona, o sujeito parecia inofensivo, em trajes simples, já começava a anoitecer, não iria se perdoar se abandonasse aquele pobre homem na beira da estrada, naquelas circunstâncias. Ora, ninguém vai saber mesmo... Afrânio encostou o carro:

- Vai pra onde, cara?
- Só quero descer a serra, falta pouco, né?
- Entra aí.

O homem sentou-se ao seu lado, aparentava uns quarenta anos no máximo, magro, barba por fazer e claro. Disse que queria descer a serra, e depois iria decidir para onde ir, perguntou se podia fumar, Afrânio disse que tudo bem, que de vez em quando fumava também, mas dirigindo evitava. A conversa não passou disso, e Afrânio, conversador e curioso, ainda lhe fez algumas perguntas. Silêncio absoluto.

- Não gosta de conversar?

Nada. O homem estava mudo. Afrânio olhou melhor, estranhou que ele pedisse para fumar e não acendesse o cigarro. Esticou a mão livre e balançou o homem. O corpo simplesmente rolou pelo banco, bateu na porta e, se o Afrânio não segura, cairia no chão do carro.

- Meu Deus! – exclamou para si um Afrânio de maus pressentimentos – Só me faltava acontecer essa...

Afrânio parou o carro, ajeitou o homem e colocou o ouvido colado no seu peito. Nem precisava ser médico para ver que o pobre homem estava morto. Afrânio sentiu um suor frio descer nas costas, azar maior, impossível, se dar carona já era proibido, imagine agora um morto no seu carro, jamais conseguiria explicar aquela situação. O tempo conspirava contra ele, tinha hora para entregar aquele malote no Rio, tinha que resolver aquilo urgentemente, e seu cérebro não conseguia raciocinar claramente, junto com seu desequilibrado estado emocional. Um morto que não podia estar ali, naquele momento. Afrânio quis chorar, pensou no Didi que foi ficar doente logo hoje, pensou na mulher e no filho Argemiro, no emprego que iria perder fatalmente. Abriu a porta do carro, maldizendo a vida e xingando o incômodo cadáver, enquanto o tirava do carro. Colocou-o com muito esforço no meio do mato, quem o achasse que lhe desse um destino melhor, era a única saída, afinal, dera-lhe carona num gesto de bondade, contra as normas, não poderia ser punido por seu ato, impensado, talvez, mas feito de boa vontade. Ajeitou o cadáver, encostando-o numa árvore, quando sentiu que alguma coisa caíra no chão. “Depois eu vejo...”. Ajeitou o pobre infeliz, fez uma oração breve por sua alma, e por si também, e foi ver o que caíra. No escuro da noite que chegava, custou a descobrir que era uma carteira de dinheiro. “Desgraçado!” – vociferou por último – “Ainda mais essa!”. Colocou a carteira no bolso do paletó velho do homem de quem nem chegara saber o nome, por que viajava sem destino, e que em má hora cruzara no seu caminho. “Deus se compadeça de sua alma!”. Afrânio voltou pro carro, e arrancou em disparada, como quem foge de um pesadelo real.

Chegou na Matriz, foi advertido porque demorara mais que o costume. Alegou um pequeno defeito no carro velho, assinou o documento de entrega e disse que iria fazer um lanche e voltaria logo para confirmar o horário da manhã seguinte, quando retornaria ao Banco com o malote do retorno. Afrânio queria mesmo tomar uma cachaça, de um gole só, para acalmar a mão trêmula

como assinou o documento, o que foi notado pelo Vigilante que o recebeu. “Nervoso, nervoso... A situação ta difícil”. “Ta difícil”, concordou Alcebíades, o Vigilante que o recebia todas as noites na Matriz.

Afrânio encostou-se no balcão do barzinho, e pediu uma branquinha com ansiedade. “Outra” – mandou repetir depois do gole rápido, sentindo a cachaça descer queimando por sua garganta e arder no estômago vazio. Bebeu a segunda, respirando fundo depois.

- Quanto é?

O garoto do bar deu o preço e Afrânio meteu a mão no bolso da jaqueta para tirar a carteira. “Ué...”. Afrânio gelou pela segunda vez, sua carteira não estava ali. Reconstituiu sua desdita, sua pouca sorte que o acompanhava naquela noite trágica. Não podia ter acontecido outra coisa, a carteira que caíra no chão não era do morto, era a sua carteira!

- Meu Deus do Céu, isso já é demais! Garoto, perdi minha carteira, amanhã te pago... Se Deus quiser.

Afrânio retornou em passos rápidos, agora sim, sem saber mais o que fazer, o Destino agora conspirava com mais força, ele já não tinha mais como interferir ou mudar os acontecimentos, algo mais forte agia rapidamente, sem dar a ele oportunidade nenhuma. Mal chegou, Alcebíades o recebeu com o semblante preocupado:

- Porra, Afrânio, tava te procurando mesmo. Tua mulher acabou de telefonar, cara. Acharam um homem morto na estrada com os seus documentos. Que merda é essa, homem? Tua mulher estava em prantos, falei que você chegara bem, que o cadáver era de outra pessoa. O que aconteceu?

Afrânio tentou aparentar calma. Vontade louca de chorar ali mesmo, de contar tudo pro Alcebíades, mas não podia fazer nem uma coisa nem outra, fingiu surpresa, falou que havia perdido a carteira, e nem sabia como fora parar com aquele homem. Não

sabia se Alcebíades, depois de notar seu nervosismo ao assinar o documento, iria acreditar naquela história. Desde que perdera seu avô, nunca se sentira tão perdido na vida.

Capítulo

2.

- **D**adá, eu te juro, eu perdi a carteira, não sei como foi parar no bolso daquele cara...

- Perdeu aonde? Você andou se metendo em alguma...

- Em alguma? Mulher... Num momento desse, eu agoniado, você vem com essa... Oh, Dadá... Dá um tempo!

Afrânio não conseguia nem explicar à mulher o acontecido, jurava por todos os Santos que não sentira sumir sua carteira. Naturalmente, o cara a achara, guardara consigo, e depois morrera subitamente com ela no bolso, que podia fazer? E Dadá a achar que se metera em alguma aventura... Aí, já era demais, logo ele, de casa para o trabalho, do trabalho para casa, nem ir ao Maraca ia mais, dinheiro curto, seu Mengo bem no Campeonato e ele ali, domingo inteiro dentro de casa. Teve vontade de contar tudo pra mulher, maneira de dividir sua preocupação, coisa que o atormentava o dia inteiro. Naquele dia, contaria tudo pro Didi, o bom crioulo é que iria entender seu tormento, era isso, na viagem daquele dia, se abria com o amigo, pronto, só de contar já o iria aliviar. Não ia demorar muito, já estava quase na hora mesmo, ele se aprontava, vestia a camisa bem passadinha por Dadá – companheirona mesmo, só agora cismava dessa história de aprontar alguma – colocou a velha calça preta que nem vincava mais, e meteu os pés no sapato.

- Amanhã, vou lá na Delegacia pegar minha carteira com os documentos e o dinheirinho, pouco, mas me faz falta. Felizmen-

te, a Carteira de Motorista e os documentos do carro ficaram no porta – luvas, senão, mais um problema na minha vida.

Argemiro chegou do colégio, descabelado, suado, jogara uma pelada com os colegas, tênis sujos, camisa amassada, e um corte abaixo do joelho. Dadá o repreendia, mas, para Afrânio isso era pura alegria, tinha um filho que adorava, de dez anos, muita disposição, um canhoto cheio de habilidades para o futebol: “Um dia, você ainda vai vestir a camisa do Flamengo, meu filho! Ainda vai dar muitas alegrias pra Nação Rubro – Negra. E depois, contrato pro futebol europeu!”. Afrânio era assim mesmo, fizera muita merda em sua juventude, bebia cachaça noite inteira, viciado em sinuca, envolvido com as putinhas que faziam vida na noite, mas, desde que conhecera Dadá e resolvera se casar com ela mudara de tudo, era um homem que adorava a sua família, e, se, de vez em quando, tomava umas cervejas com o Didi, era coisa rara, só pra estar com o amigo e ouvir suas histórias. Morava ali, casinha modesta num bairro de operários e gente simples, mas gostava daquilo, não pagava aluguel, ganhara a casa do seu pai, fruto de uma economia de muitos anos. Só aquela encrenca com o morto é que embaraçava suas idéias.

- Faz um lanche com teu filho, antes de sair – anunciou Dadá.
- Vamos nessa, Argemiro. Me conta como foi a pelada...

O rádio ligado jogava um pagode na sala, Afrânio até esquecia a má sorte do dia anterior. Estivera de manhã na Delegacia, respondera umas perguntas, o Delegado falou que estavam fazendo a autópsia do morto, e ainda ninguém reclamara o defunto, não haviam descoberto quem era. O coitado não trazia nenhum documento com ele, só a carteira do Afrânio no bolso do paletó roto, e poderiam libera-la depois de tudo esclarecido, era apenas uma questão formal. Argemiro contava os lances da pelada, Dadá colocava um bolo de laranja que fizera de manhã na mesa, mais pão, manteiga e café com leite. “Precisa dar uma vitamina pra esse menino... Muita energia, ele precisa repor...”

Dadá ria, “só se você trazer dinheiro pra isso, cara”. Dinheiro, sempre dinheiro. “Hoje mesmo, conto tudo pro Didi... Daqui a pouco. Didi vai saber o que devo fazer... Contar pra Dadá? Quem sabe? Vou ouvir Didi primeiro. Mulher sempre acaba fazendo um drama maior do que já é... Diz que vai acontecer uma desgraça, que eu vou ser chamado pra depor, que vou perder o emprego”, Afrânio nem prestava mais atenção ao seu filho.

Foi aí que bateram na porta.

Dadá foi ver quem era. Gritou da porta, “tem uns homens aqui, querendo falar com você, Afrânio. Diz que são da Polícia”. Afrânio pulou da cadeira, não costumava ter maus pressentimentos, mas ficou inquieto.

- O que os senhores querem?
- Afrânio Boaventura?
- Eu mesmo.
- O senhor queira nos acompanhar, o Delegado quer falar com o Sr.
- Comigo? E por que?
- Um morto com seus documentos, e...
- Isso, eu sei, mas o que aconteceu? Eu já prestei depoimento hoje de manhã.
- Nós sabemos, o problema foi a autópsia...
- Que foi? – perguntou agora uma aflita Dadá.
- O problema, moço, é que o cara morreu envenenado.
- Envenenado? – os dois perguntaram ao mesmo tempo.
- Envenenado. Isso mesmo. O Delegado tem que ouvir o Senhor. Coisa de praxe. A viúva apareceu, tem que fazer o processo.

A palavra processo explodiu nos ouvidos e na cabeça de Afrânio. O homem morrera envenenado, dera carona a um sujeito já quase morto na beira da estrada, para que ele acabasse de morrer no carro da Transportadora. Sentiu o seu

mundo desabar, inquérito, processo, interrogatório... Onde, em que momento, contar toda a verdade, que lhe custaria o emprego? Uma família desamparada, com seu chefe envolvido num caso de envenenamento em que o morto aparecia com seus documentos.

- Avisa lá no Banco, mas fala com o Didi... Diz que passei mal... Sei lá.

Dadá começava a chorar, Argemiro levantou-se da cadeira e agarrou-se nas pernas da mãe. Os policiais procuravam tranquilizar: “Fiquem calmos, é só uma formalidade. Vocês não tem nada a temer, afinal. Um homem achou a carteira de seu marido e foi envenenado, apareceu morto na beira da estrada, vai ver suicidou-se. Mas tem que formar o processo. Hoje mesmo, seu marido volta pra casa”.

Afrânio acompanhou os homens no carro da polícia, depois de recomendar Dadá: “fala pro Didi pegar o carro aqui em casa, ele vem. Diz nada pra ele não... Melhor, diz sim, mas só pra ele. Não, diz não. Ele vai viajar preocupado, amanhã conto pra ele”.

Argemiro, olhos úmidos, agarrado à mãe que chorava, não entendia seu pai ser levado por dois policiais. A tarde caía fria na serra, e, no rádio, um rock pauleira inundava a sala com seu incômodo barulho.